



## EDUCAÇÃO BILÍNGUE: INTERLOCUÇÕES À EDUCAÇÃO INCLUSIVA E À INTERCULTURALIDADE

Isadora Cristinny Vieira de Morais <sup>1</sup>  
Marlene Barbosa de Freitas Reis <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho apresenta proposta de desenvolvimento de estudo acerca do tema da Educação Bilíngue e Interculturalidade em benefício do trabalho da, na e para diversidade (REIS, 2013), na perspectiva de verificar em que medida o Bilinguismo tem contribuído para a inclusão das pessoas surdas perante inegável quebra de barreira linguística a qual proporciona inter-relações culturais. O objetivo geral da pesquisa será de compreender a relevância da Educação Bilíngue, discutir uma educação que se baseia na diversidade humana pautada na Interculturalidade e no combate às barreiras comunicacionais enfrentadas pela comunidade surda em prol da inclusão, promovendo desenvolvimento identitário e cultural. O estudo apresentado configura-se em uma pesquisa qualitativa bibliográfica com fundamentação em autores da área, tais como Mantoan (2003, 2006); Reis (2013); Gesser (2009); Candau (2008, 2019). Desse modo, torna-se possível afirmar o direito à diferença e o encarar da heterogeneidade como fator crucial na formação do indivíduo como sujeito ativo e consciente da importância de protegermos o direito de ser do próximo. Sendo assim, as possibilidades representadas pela Libras, pela Educação Bilíngue e o assegurar do direito à Interculturalidade requerem constante superação de limites e barreiras preconceituosas, as quais inibem a dinamicidade do ser humano, de sua formação cultural, social e de sua identidade como sujeito. Espera-se fomentar a reflexão e conscientização dos envolvidos na constituição do processo educacional em âmbito escolar, familiar e governamental à necessidade de uma educação integral que valorize e acolha as diversidades de maneira inclusiva, alavancando o processo de desenvolvimento de pessoas com surdez.

**Palavras-chave:** Educação Bilíngue, Interculturalidade, Diversidade, Inclusão, Pessoas surdas.

### INTRODUÇÃO

Questões relacionadas ao estudo da influência que a cultura possui na prática educacional – principalmente em relação ao desenvolvimento do corpo, expressividade, identidade e formação integral do ser humano naturalmente social – se tornaram um desafio

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Metropolitano – Unu Inhumas (UEG/Inhumas). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Metropolitano – Unu Inhumas (UEG/Inhumas). E-mail: isacris2507@gmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Gestão da Informação e Conhecimento pela Universidade do Porto, Portugal. Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ. Pedagoga pela UFG. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IEL/UEG/Anápolis) e no curso de Pedagogia da UEG/Câmpus Inhumas. E-mail: marlenebfreis@hotmail.com.



àqueles que buscam construir uma conceituação acerca da cultura brasileira multifacetada inserida em contexto de Práxis Pedagógica, sobretudo, quando é necessário encararmos esse fato mediante o respeito à diversidade e o prezar pela inclusão. A fim de compreendermos o papel fundamental da língua, da Educação Bilíngue e da Interculturalidade para o surdo em relação a aspectos que ultrapassam a escolaridade e atingem patamares de extrema relevância – ao pensarmos no Bilinguismo como favorecedor do rompimento de barreiras preconceituosas proporcionando novas possibilidades, além de impulsionar o desenvolvimento cognitivo, social e identitário – para fundamentar essa pesquisa pretende-se ancorá-la em autores os quais possuem estudos e trabalhos em campos temáticos relacionados ao direito às diferenças, à Educação Inclusiva, à língua, linguagem, Educação Bilíngue, formação cultural e identitária do homem social permeadas pelo desenvolvimento da língua materna a qual proporciona correlação entre a singularidade moldada perante a pluralidade dos seres. Nesse segmento, Mantoan (2003, 2006); Reis e Lopes (2016); Bagno (2002); Gesser (2009); Candau (2008, 2019); Apple (2006); serão alguns dos suportes teóricos elencados para a realização do trabalho.

Diante disso, é de suma importância compreender o processo de inclusão como um direito e desafio possível. Ao pensarmos em educação dos surdos, a inclusão comunicacional toma proporções que refletem diretamente da formação do indivíduo devido ao fato dela expor a urgência e necessidade da discussão e formulação da questão de qual é a função social da educação na perspectiva da inclusão para formação integral dos indivíduos para prática de alteridade e autonomia não só em âmbito escolar, mas em todos os aspectos de vida social; para, assim, ser possível formar uma sociedade inclusiva que respeite as diferenças e coloque em prática os pilares fundamentais para uma educação para todos.

Nessa perspectiva, a principal problemática a ser explorada será de qual a relevância de pensarmos uma educação que atenda às necessidades linguísticas específicas pautadas no direito à promoção da Educação Bilíngue voltada às pessoas surdas e ao assegurar do direito à interculturalidade e à diversidade as quais valorizam e prezam pelas diferenças em espaços educacionais. Diante disso, por meio do procedimento metodológico da pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica, objetiva-se analisar, compreender desdobramentos e contribuições da língua e linguagem relativas ao Bilinguismo, bem como discutir uma educação que se baseia na diversidade humana pautada na Interculturalidade e, por conseguinte, objetiva desenvolvimento da Educação Inclusiva, a qual parte do pressuposto de que as diferenças são fatores enriquecedores do processo educacional e da formação humana.



Nesse sentido, uma educação que busca inclusão em todas as suas facetas, deve abarcar a diversidade e trabalhar em favor de erradicar a “indiferença às diferenças” (MANTOAN, 2006, p. 22) que ainda assolam o espaço escolar devido à desvalorização da heterogeneidade e caráter altruísta. Então, para desenvolvimento de uma Educação Inclusiva, a escola deve significar espaço aberto às diferenças, ao novo, à inovação didática, metodológica, pedagógica, entre outros aspectos que representam acolhimento ao fato inegável da multiplicidade da especificidade humana.

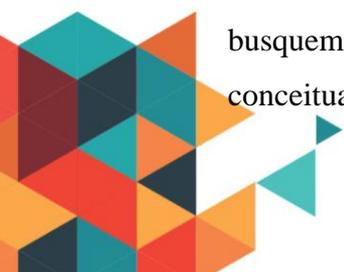
## **METODOLOGIA**

Nesse segmento, pretende-se concretização da pesquisa por meio dos procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica – sendo a pesquisa qualitativa fundamentada na obtenção de dados descritivos, obtidos por meio do contato direto entre pesquisador e situação estudada a fim de buscar e demonstrar maior ênfase no processo da pesquisa do que no produto final para, assim, retratar a perspectiva dos sujeitos participantes e explorar a problemática apontada (LÜDKE, ANDRÉ, 2013). Diante disso, a natureza qualitativa deste estudo se ancora no processo de investigação que se preocupa em aprofundar a compreensão de um grupo social (MINAYO, 1994). Dessa forma, a pesquisa exploratória proporcionará superação de desafios para atingir os objetivos propostos, desafios estes como a imparcialidade e subjetividade intrínseca aos seres envolvidos no processo de pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante da realidade social, econômica e, conseqüentemente, educacional de caráter egocêntrico da atualidade, o aprofundamento do estudo e pesquisa relacionados à promoção da Educação Inclusiva às pessoas com deficiência auditiva, em específico os surdos, de forma efetiva por meio da Educação Bilíngue e extinção de acontecimentos de preconceito e exclusão tanto em âmbito escolar quanto em vida em sociedade, se tornou problemática emergente nos últimos anos devido à visibilidade que constantes lutas por reconhecimento das pessoas minorizadas obtiveram em prol do reconhecimento do fato inegável da diversidade cultural humana.

Nessa perspectiva, torna-se emergente a necessidade de estudos e pesquisas que busquem homologar a relevância da abordagem educacional Bilíngue através de sua conceituação crítica e exploração dos desdobramentos da aquisição e desenvolvimento da





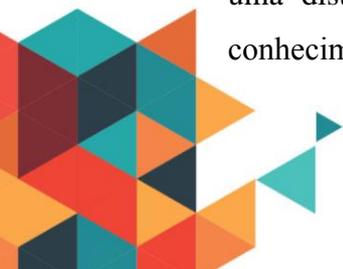
linguagem no processo de ensino-aprendizagem, social, cultural e, conseqüentemente, identitário dos surdos. Assim, percebe-se a magnitude e a complexidade do estudo dos fatores que envolvem a significação linguística dentro do processo de inserção das pessoas com surdez tanto em âmbito escolar quanto social.

Dessa forma, vale ressaltar que o Bilinguismo do indivíduo surdo configura-se na coexistência de sua língua materna (Libras) com a Língua Portuguesa grafada; sendo assim, a Educação Bilíngue procura quebrar barreiras linguísticas, comunicacionais e pedagógicas que interferem e prejudicam no processo de inclusão e no desenvolvimento educacional e social dos alunos surdos. Desse modo, a reflexão acerca das questões que rodeiam a proposta educacional Bilíngue está ancorada não só na garantia legal do direito ao Bilinguismo em ambiente escolar e de um profissional intérprete, mas sim na necessidade de tornar possível a existência e uso de duas línguas (Libras e Português), reconhecendo-as como parte do programa escolar e, principalmente, como recursos fundamentais para o incluir pedagógico e social dos surdos.

Nessa perspectiva, Mantoan (2003), discorre acerca da inclusão escolar, esclarecendo o que é, a relevância de desenvolvê-la e como aplicá-la. De acordo com a autora, as problemáticas que abarcam e dificultam o processo de inclusão escolar e, conseqüentemente, social está intrinsecamente interligado ao fato de a sociedade atual ainda ser arcaica em vários aspectos e, assim, exercem rigidez em relação ao lidar com mudanças de paradigmas – mesmo depois de avanços que estão desvelando a diversidade humana e a necessidade de lidarmos com ela na educação para formação de uma sociedade altruísta. Segundo a autora,

A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazendo. E inegável que os velhos paradigmas da modernidade estão sendo contestados e que o conhecimento, matéria-prima da educação escolar, está passando por uma reinterpretação. As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos. Nosso modelo educacional mostra há algum tempo sinais de esgotamento, e nesse vazio de idéias, que acompanha a crise paradigmática, é que surge o momento oportuno das transformações (MANTOAN, 2003, p. 12).

Nesse sentido, as contradições da “guerra intelectual” vivida no cenário educacional brasileiro é resultado da disputa por poder político e econômico que acarretam reflexos curriculares – Currículo Oculto, teorizado por Apple (2006, p. 88): “Da mesma forma que há uma distribuição do capital cultural na sociedade, há também a distribuição social de conhecimento nas salas de aula”.



Desse modo, questionar qual é e deve ser a real finalidade da educação que busca verdadeiramente concretizar a inclusão em suas diversas facetas e o ensino-aprendizagem significativo/representativo. Candau (2019) deixa clara a relevância de pensarmos uma Educação Intercultural e promover práticas pedagógicas que a assegurem; podemos, assim, abstrair a interculturalidade como um processo que valoriza as diferenças, promove diálogo e luta em favor de justiça. Tal educação deve ser pautada na luta contra a hegemonização cultural, expondo a necessidade de extinção da negação velada que permeia a sociedade em geral e perpetua problemáticas arcaicas e constantes demonstrações de preconceitos. Dessa forma, uma Educação Intercultural concebe as diferenças como fator enriquecedor, cultura e saber como constante construção transpassadas umas pelas outras no desenvolver um trabalho dentre a tensão de igualdade e diferença, ou seja, das diversidades, na promoção do respeito mútuo.

Diante disso, um dos principais aspectos apontados ao discutirmos uma educação realmente inclusiva ratifica o trabalhar as diferenças culturais no cotidiano escolar de maneira crítica, combatendo, assim, a negação do direito de ser do outro. Ao questionar a visão essencialista das culturas estamos lançando mão do debate e promoção da interculturalidade crítica. Desse modo, expõe-se características intrínsecas ao deixar claro o constante processo de construção e reconstrução humana cultural-identitária. Tais características são a inter-relação sociocultural humana, a cultura em contínuo processo de construção, a não neutralidade das culturas, e o fato de não se desvincular das questões sociais e das diferenças. Segundo Candau (2019, p. 275):

A sociedade contemporânea, entre suas marcas, apresenta uma crescente visibilidade de diferentes grupos socioculturais que conquistam protagonismo e reconhecimento e lutam contra desigualdades, preconceitos e discriminações. Questões relacionadas às relações étnico-raciais, gênero, orientação sexual, pluralismo religioso, entre outras, estão na ordem do dia e suscitam debates acalorados em diversos âmbitos sociais, atravessados muitas vezes por atitudes de intolerância e negação do outro. Estas tensões e conflitos também se fazem presente no âmbito educacional e emergem com força nas dinâmicas educativas, no dia a dia de nossas escolas. Trabalhar as diferenças culturais no cotidiano escolar constitui, sem dúvida, uma exigência do momento atual se quisermos oferecer às nossas crianças e jovens processos educativos que promovam respeito mútuo, diálogo e reconhecimento da dignidade de toda pessoa humana. Nesta perspectiva é que se situa a educação intercultural.

Ao procurarmos sempre prezar pelo desenvolvimento de uma educação intercultural também estamos prezando pela construção de sujeitos críticos e ativos na constituição da sociedade na qual estão inseridos. Assim, é possível desenvolver um trabalho que busque o não reforçar do caráter monocultural das culturas escolares, busque romper constantes



acontecimentos de desrespeito à diversidade em seus diversos âmbitos e ambientes no cotidiano atual. É necessário que assumamos o processo educacional e ensino-aprendizagem como “espaços vivos”, onde o reconhecer do eu e do próximo, bem como de suas diversidades, corresponda não só em sua celebração/constatação, mas no concebê-las como fator crucial para resultantes indivíduos críticos que permeiam e são permeados pelo cruzamento mútuo de seus aspectos culturais, raciais, socioeconômicas, dentre outras. Assim, devemos encarar esse diálogo e o choque resultante da interação de sujeitos diversos como crucial nas práticas educativas que promovam combate ao currículo engessado e homogeneizador, diálogo este, possibilitado por meio do desenvolvimento da Educação Bilíngue e suas possibilidades. A pura e simples consideração da existência da diversidade cultural não representa real inclusão e integração das diferenças no espaço escolar tão quanto do colocar interculturalidade em prática. É preciso real incorporação das diversidades nas práticas educativas que levem sempre em consideração o contexto de tais práticas e seu desenvolver.

Assumo a posição que afirma a importância de se reconhecer a existência de diversos conhecimentos no cotidiano escolar e procurar estimular o diálogo entre eles, assumindo os conflitos que emergem desta interação. Trata-se de uma dinâmica fundamental para que sejamos capazes de desenvolver currículos que incorporem referentes de diferentes universos culturais, coerentes com a perspectiva intercultural (CANDAUI, 2019, p.281).

Para fazermos diferente, fazermos a diferença e reconhece-las como enriquecedoras é necessário que reconheçamos as mazelas da nossa sociedade. Para a promoção de uma Educação Intercultural é necessário reconhecer o caráter discriminador que tem sido déspota das práticas educativas e de seus alicerces. Acabar com a naturalização do preconceito arraigado e da constante negação de sua existência é de suma importância ao prezar pelo desenvolver de um trabalho que favoreça o desenvolver identitário e humano em sua integralidade. Para propormos uma radicalização que procure combater as desigualdades sociais e suas mazelas é necessário, primeiramente, formar cidadãos críticos e ativos os quais encontram no espaço educacional o principal fator de sua construção como ser que, conseqüentemente, reflete na construção coletiva que buscamos ao defendermos o direito de ser e das diferenças.

Nessa perspectiva, são necessárias reflexões que discutam acerca dos processos que permeiam o desenvolver da Interculturalidade Crítica na educação. Walsh (2009) explicita alguns aspectos intrínsecos ao fazer educacional correlacionados à construção histórica de nossa sociedade; nessa perspectiva, propõe que o refletir e agir pedagógicos devem estar



fundamentados na decolonialidade e na humanização, isto é, no questionar o pré-estabelecido e oportunização do construir pedagógico plural. Aqui, entendemos Interculturalidade crítica como projeto político, social e ético, a fim de construir uma nova humanidade questionadora.

Para fazermos diferente, fazermos a diferença e reconhece-las como enriquecedoras é necessário que reconheçamos as mazelas da nossa sociedade. Para a promoção de uma Educação Bilíngue e Intercultural é necessário reconhecer o caráter discriminador que tem sido déspota das práticas educativas e de seus alicerces. Acabar com a naturalização do preconceito arraigado e da constante negação de sua existência é de suma importância ao prezar pelo desenvolver de um trabalho que preze pelo desenvolver identitário e humano em sua integralidade. Para propormos uma radicalização que procure erradicar as desigualdades sociais é necessário, primeiramente, formar cidadãos críticos e ativos os quais encontram no espaço educacional o principal fator de sua construção como ser que, conseqüentemente, reflete na construção coletiva que buscamos ao defendermos o direito de ser e das diferenças.

Estes são componentes imprescindíveis na promoção de processos educativos na perspectiva intercultural crítica. Trata-se de uma tarefa de longo prazo, mas, ao mesmo tempo, pode ser colocada em prática hoje, no nosso contexto educacional específico. Acredito que assim poderemos contribuir para a construção de uma educação e uma sociedade mais igualitárias e democráticas (CANDAUI, 2019, p.286).

Refletir sobre Educação Bilíngue e Intercultural requer uma autoanálise: nossas práticas pedagógicas estão sendo promotoras das diferenças, da inclusão e do direito de ser do eu e do próximo ou estão sendo contribuintes da perpetuação do ciclo vicioso de desigualdades e discriminações? Igualdades não se opõem às diferenças, se opõem às desigualdades. Igualdades e diferenças devem ser trabalhadas para resultar em interculturalidade do ser e do saber, como complementares, não apenas para sujeitar falsa sensação de tolerância quando há necessidade de inclusão. Praticar a alteridade como valor humano pressupõe a ideia de que não só devemos conviver com as diferenças, mas também entende-las e valorizá-las.

Reis e Lopes (2016) fazem uma correlação entre a promoção da diversidade nas práticas escolares, da interculturalidade e a prática de alteridade. Apontam ao fato inegável do caráter enriquecedor das diferenças quando abraçadas no processo de ensino-aprendizagem e da fundamental interdisciplinaridade para compreensão da relação entre o indivíduo, a sociedade e os conhecimentos. Assim, busca-se uma nova ótica em relação à educação, a qual amplie horizontes e desperte o olhar sensível voltados à prática de promover o singular e o coletivo, de valorizar a existência do próximo em sua integralidade e de se colocar em seu



lugar a fim de compreender inúmeros fatores que abarcam a vida humana, então, praticar relacionar-se com alteridade.

Dessa forma, questões educacionais relacionadas à língua, currículo, poder social e prestígio cultural são inseparáveis fazendo com que a área da língua na educação exija ampla análise histórico-cultural e não somente linguística; assim, “[...] levar em conta as funções da linguagem é evidenciar o fato de que a língua não é um fim em si, mas um meio privilegiado de atingir fins mais essenciais para o homem e para a humanidade” (BAGNO; GAGNÉ; STUBBS, 2002, p. 185).

Perante a tal evidência, admitir a Educação Bilíngue, compreender as contribuições e desdobramentos da linguagem no processo de ensino-aprendizagem, na produção cultural e identitária, no reconhecimento do eu e do próximo para posterior estabelecimento da inclusão e da alteridade, reverbera na emergente confirmação de direitos linguísticos das pessoas surdas como fundamentais em aspectos educacionais, sociais, cognitivos e particulares de cada sujeito. Direitos esses baseados no direito à igualdade linguística, à aquisição da linguagem, à aprendizagem, uso, preservação e enriquecimento da língua materna, direito à fazer opções linguísticas, ao tratamento especializado, ao seu reconhecimento como indivíduo bilíngue e de desenvolvimento multicultural (GESSER, 2009). Diante disso, torna-se imprescindível que haja investigação de como a linguagem atua no processo de ensino-aprendizagem para captar os desafios e contribuições proporcionadas pelas diferenças linguísticas na educação dos surdos perante suas especificidades, as quais tornam o Bilinguismo tão valioso e significativo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, a aceitação do uso da Libras e do desenvolvimento de uma Educação Bilíngue interligados à constituição identitária e cultural do indivíduo surdo além de possibilitar desenvolvimento educacional qualitativo e representativo e, conseqüentemente social, significa garantia do direito das pessoas surdas à uma escolarização na qual suas possibilidades linguísticas e cognitivas sejam desenvolvidas e concretizadas; sendo todo esse processo intermediado, permeado e possibilitado através da Língua de Sinais.

Sendo assim, fica evidente a relevância do estudo e exploração acerca da Educação Bilíngue e da Educação Intercultural Crítica em prol da promoção da inclusão dos surdos em todos os ambientes sociais; pois tal estudo expõe a indissociável formação humanística proporcionada pela língua em seu uso social pleno e o paradoxo identitário cultural ao





tratarmos desses fenômenos em uma “intrassociedade”, ou seja, em uma porção social que desenvolveu-se embebida de força para quebrar barreiras pré-conceituosa por estar inserida numa sociedade ouvinte, mas não plenamente incluída nela. Segundo Candau (2008), uma educação realmente inclusiva deve estar fundamentada na multiplicidade e no multiculturalismo humano; portanto, estudar e promover uma Educação Bilíngue pode ressignificar a representatividade dada a identidade bicultural do surdo, transformá-la em fator de enriquecimento e inclusão, não mais de marginalização de uma em detrimento à outra mediante atitudes errôneas de desvalorização da multiplicidade humana e não exercício de alteridade.

## REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. A Economia e o Controle no dia-a-dia da Vida Escolar. In \_\_\_\_\_: *Ideologia e Currículo*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. (p.81-99).
- BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. *Língua Materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (ORG.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural e Práticas Pedagógicas. In: SILVA, Marco; NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do; ZEN, Giovana Cristina (Orgs.). *Didática: abordagens teóricas contemporâneas*. Salvador: EDUFABA, 2019. p. 275-288.
- GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?*. São Paulo: Moderna, 2003.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim. (Org.). *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2006.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- REIS, Marlene Barbosa de Freitas. *Política pública, diversidade e formação docente: uma interface possível*. 2013. 278f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,



REIS, Marlene Barbosa de Freitas; LOPES, Cristiane Rosa. Educação e Diversidade: uma relação de alteridade nas práticas escolares. In: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; FREITAS, Carla Conti (Orgs.). *Razão sensível e complexidade na formação de professores: desafios transdisciplinares*. Anápolis: Editora UEG, 2016. p. 151-165.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p. 12-42.